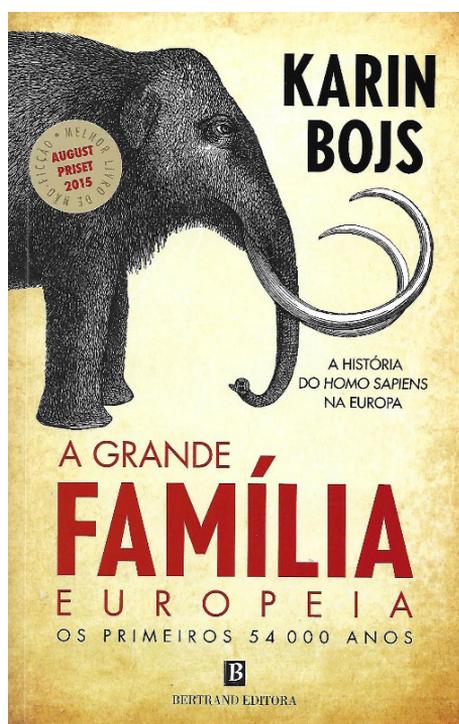


Karin Bojs: *A Grande Família Europeia – Os Primeiros 54 000 Anos*. Lisboa: Bertrand, 2019, 422 pp.

José Barbosa Machado (UTAD)



Karin Bojs, uma jornalista sueca para a área científica e redatora do prestigiado jornal *Dagens Nyheter*, partindo da história genética da sua própria família, conta neste livro a história dos povos que habitaram a Europa nos últimos 54 mil anos. A pergunta que coloca é a seguinte: Quem são os nossos antepassados, donde vieram, por onde passaram, como chegaram à Europa e, particularmente, à Suécia? A resposta está nas mais recentes descobertas da genética e nos métodos cada vez mais sofisticados para testar, analisar e comparar o ADN humano, ou seja, a informação guardada nos cromossomas e nas mitocôndrias de cada célula.

Considera a autora que, «desde há meia dúzia de anos, é possível analisar o património genético completo de uma pessoa em poucas horas. Os cientistas conseguem mesmo analisar o ADN de pessoas que morreram há dezenas de milhares de anos – em alguns casos, há centenas de milhares de anos» (p. 15). Ora é esta facilidade de análise do ADN, quer de pessoas vivas, quer de restos mortais dos nossos antepassados, que torna possível verificar conexões ao longo do tempo.

Servindo-se das últimas descobertas científicas no âmbito da Paleontologia, Arqueologia, História, Biologia e Genética, a autora traça o percurso da espécie *homo sapiens*, desde a sua saída de África até à sua expansão na Europa, substituindo a espécie existente, o *homo neanderthalensis*, vulgo homem de Neandertal, também nosso antepassado.

O livro está dividido em três partes: 1. Os caçadores; 2. Os agricultores; 3. Os indo-europeus.

Na primeira parte, são apresentados alguns dados históricos acerca dos caçadores-recoletores pré-históricos, do seu percurso no território europeu, da relação entre espécies (*homo sapiens* e *homo neanderthalensis*) e dos vestígios que deixaram na Europa e vão sendo encontrados e estudados por arqueólogos e paleontólogos. Uma das conclusões que a autora tira do percurso do homem primitivo na Europa é que, além dos genes, os nossos antepassados deixaram-nos a cultura. «A capacidade de nos exprimirmos através da pintura, da música e da narrativa é uma das principais fontes motrizes da humanidade» (Ibid.).

Na segunda parte da obra, fala-se da introdução da agricultura no Médio Oriente, da navegação dos agricultores para oeste e do seu estabelecimento na Europa, vindo a substituir a cultura dos caçadores-recoletores que na altura dominavam os territórios. Os estudos genéticos indicam que os caçadores pertenciam ao haplogrupo U, típico do primitivo *homo sapiens* que saiu de África há 54 mil anos, enquanto os agricultores pertenciam a aplogrupos muito diferentes, como N, T, K, J, H, etc. A Europa, com a chegada dos agricultores, passa a ter mais variedade genética e cultural.

A terceira parte é dedicada à chegada dos pastores indo-europeus, vindos de leste. Fala-se da introdução do cavalo e do desenvolvimento dos ramos linguísticos a que pertence a maioria das línguas europeias atuais e uma boa parte das asiáticas (ramos itálico, germânico, eslávico, céltico e indo-ariano). Os estudos atuais «reforçam a ideia de que as línguas indo-europeias foram propagadas por grupos de pastores da cultura Yamma que partiram das estepes na atual Rússia» (p. 282). Conforme a autora explica, «essas línguas disseminaram-se na direção do oeste, na Europa». Uma nova vaga migratória que parte das estepes, cerca de 1000 anos mais tarde, dirige-se «para leste e sul, em direção à atual Índia, Afeganistão e Irão. Nesta vaga, os cavalos e os carros puxados por cavalos desempenharam um papel decisivo» (Ibid.).

Tendo em conta alguns dos estudos mais recentes publicados na revista *Nature* acerca desta temática, a autora explica que «a população da Europa constitui-se, em grande parte, por três grandes vagas de imigração. Primeiro, chegaram os caçadores-recoletores da Era Glaciar. A partir de há 8000 anos, juntaram-se os agricultores do Médio Oriente. Mais tarde, há cerca de 4800 anos, chegou a vaga de pastores das estepes do Leste» (p. 283).

Aos críticos da Genética, que a apelidam de neo-fascista e consideram

que pode despoletar o racismo e a xenofobia, a autora considera-os muito ignorantes, «pessoas a quem a ideologia cegou» (p. 367). E lembra que nós somos «o produto das nossas vivências desde o período pré-natal até ao fim da nossa vida» (p. 366), mas também somos o produto das vivências dos nossos antepassados. «O nosso ADN é herdado, em certa medida, pelas vivências de gerações anteriores, através de um mecanismo chamado epigenética, que os cientistas só agora começam a compreender» (pp. 366-367). A genética e o ambiente formam, juntos, «a nossa identidade e a nossa saúde. Estão interligados» (p. 367).

A autora conclui a obra dizendo que «todas as pessoas de todo o planeta descendem de uma mulher, a quem podemos chamar Eva, que viveu em África há cerca de 200 000 anos. Todos nós, descendentes de Eva, temos um ADN em grande parte idêntico. Apenas nos distinguem pequenas variações. São essas ligeiras diferenças que nos descrevem como os nossos antepassados há muito tempo foram povoando a Terra. As mutações mostram o nosso percurso desde África, para diferentes latitudes» (p. 378).

Numa altura em que se publicam inúmeros ensaios e obras relacionados com as últimas descobertas da Genética, vocacionados sobretudo para um público especializado, este livro de Karin Bojs, numa linguagem simples, mas sem deixar de ser rigorosa, é uma boa aproximação ao público em geral.